

Fala a preguiça!

Eu gosto tanto, tanto ,tanto
de estar quieta, muito parada,
de fazer nada, coisa nenhuma,
e de fazer isso, que é não fazer
e de não estar, não ir, também.
Eu cá faço nada e todos
me dizem que faço isso muito bem.

Faço arroz de nada, pudim de nada
(que não é nada, está-se mesmo a ver)
e é tudo muito bom, delicioso,
só por não ser preciso fazer.
Eu faço nada, sou um nadador,
mas não daqueles que nadam mesmo,
O que é cansativo, tão maçador;
é que nadar, cá para mim,
tem um defeito insuportável:
aquele erre que está no fim .

E não digam que não faço nada
porque eu faço isso o mais que posso
e se não faço mais é porque mesmo nada
fazê-lo muito é uma maçada.
Não quero ir. Ainda é cedo.
Que pressa é essa? Não pode ser!
Deixem-me estar porque eu hoje tenho
bastante nada para fazer.

O Gato de Louça

Coitado do gato de louça
pousado na mesa redonda,
sobre um paninho de renda.
Não há quem lhe fale.
Não há quem o ouça.

Nunca se mexeu,
nem quando as moscas lhe pousavam no nariz.
Nunca ninguém o ouviu miar.
Testemunha silenciosa
da vida no corredor,
O gato de louça viu tudo
O que ali fizemos em segredo
e não disse nada a ninguém.

Ora bem, tanto ele olhou
para o mesmo sítio, tanto insistiu,
que um dia viu o que lhe faltava:
uma bela alma redonda que passava.

Era a alma de um gato verdadeiro
que tinha acabado de morrer.
A alma ainda não sabia o que tinha acontecido
e andava à procura do gato dela.

O gato de louça não podia saltar
para a agarrar, mas contou-lhe uma história.
As almas são fáceis de enganar
porque não têm ponta de maldade.

Ninguém sabia, mas quando a noite caía
e toda agente dormia,
o gato de louça saltava, corria,
fugia, caçava.
Depois descansava na mesa redonda,
sobre um paninho de renda,
a meio do corredor.
E adormecia, sonhava.

Tanto andou que um dia se partiu
em mil pedaços que deitámos fora.
Lá dentro estavam os segredos da casa,
que saíam a voar pela janela,
e uma alma de gato em muito bom estado
que também foi à vida dela.

Coitado do gato de louça,
Que não morreu nem se foi embora.
Não há quem o lembre.
Quem é que o chora?

Mistérios da escrita

Escrevi a palavra flor.
Um girassol nasceu
no deserto de papel.
Era um girassol
como é um girassol.
Endireitou o caule,
sacudiu as pétalas
e perfumou o ar.
Voltou a cabeça
à procura do sol
e deixou cair dois grãos de pólen
sobre a mesa.
Depois cresceu até ficar
com a ponta de uma pétala
fora da Natureza.

«Quando for grande, não quero ser médico, engenheiro ou professor.

Não quero trabalhar de manhã à noite, seja no que for.

Quero brincar de manhã à noite, seja no que for.

Quando for grande, quero ser um brincador.

Ficam, portanto, a saber: não vou para a escola aprender a ser um médico, um engenheiro ou um professor.

Tenho mais em que pensar e muito mais que fazer.

Tenho tanto que brincar, como brinca um brincador, muito mais o que sonhar, como sonha um sonhador, e também que imaginar, como imagina um imaginador...

A mãe diz que não pode ser, que não é profissão de gente crescida. E depois acrescenta, a suspirar: “é assim a vida”. Custa tanto a acreditar. Pessoas que são capazes, que um dia também foram raparigas e rapazes, mas já não podem brincar.

A vida é assim? Não para mim. Quando for grande, quero ser brincador. Brincar e crescer, crescer e brincar, até a morte vir bater à minha porta. Depois também, sardanisca verde que continua a rabiar mesmo depois de morta. Na minha sepultura, vão escrever: “Aqui jaz um brincador. Era um homem simples e dedicado, muito dado, que se levantava cedo todas as manhãs para ir brincar com as palavras.»

in O Brincador